

## SUMÁRIO

✓ Editorial

✓ RETRATOS de Teilhard:  
Soldado na Guerra 14-18✓ TEILHARD em Portugal –  
Ontem  
Pe. Manuel Antunes✓ LIVROS DE HOJE  
sobre Teilhard:  
«ET SI TEILHARD  
DISAIT VRAI ...»  
Gustave Martelet s.j.

✓ ORANDO com Teilhard

✓ LA PENSÉE de Teilhard



**Associação dos Amigos de  
Pierre Teilhard de Chardin  
em Portugal**

R. Vila Catió, 397 – 6.º esq.  
1800-348 LISBOA

[teilhard.portugal@sapo.pt](mailto:teilhard.portugal@sapo.pt)

## Teilhard

## 90 anos depois dos primeiros escritos

Em 1917, Teilhard de Chardin encontrava-se na frente de batalha, envolvido na trágica tarefa de, sob bombas e metralha, recolher feridos e mortos e tentar trazê-los para as linhas da retaguarda. Duma abnegação total que espantava os seus camaradas, Teilhard de Chardin foi o maqueiro destemido que procurava salvar os corpos e o padre discreto que levava Cristo aos combatentes, de maioria muçulmana no seu regimento. De todos recebeu amizade, admiração e respeito.

No prefácio à edição dos seus primeiros ensaios, escritos no campo de batalha, lê-se: «É assombroso ver um homem, que servia como maqueiro em terríveis combates e vivia a maior parte do seu tempo na lama das trincheiras, aproveitar brevíssimos períodos de repouso para lançar no papel notas e planos e redigir em seguida ensaios versando os mais altos problemas.»

Durante toda a guerra, tinha como correspondente a sua prima Marguerite Teillard-Chambon, com quem trocou avultada correspondência (1). Era a ela que enviava os ensaios, à medida que os ia concluindo, pedindo-lhe que os dactilografasse e guardasse. Foram assim conservados 20 ensaios, mais tarde publicados num dos volumes da sua obra sob o título de “*Écrits du temps de la guerre*”. Entre eles conta-se «*La vie Cosmique*» e «*Le Christ dans la matière*», de 1916, «*Le milieu mystique*» e «*L’Union créatrice*», de 1917, «*L’Éternel féminin*» e «*Mon Univers*», de 1918, ou «*La Puissance spirituelle de la Matière*», de 1919.

O Prof. Luís Sebastião, da Universidade de Évora, Vice-Presidente da AAPTCP, na sua tese de doutoramento (2000), intitulada «Possibilidade de Fundamentação da Educação no Pensamento Cosmogénico de Pierre Teilhard de Chardin», considera que estes ensaios, escritos nas trincheiras da guerra 14-18, contêm já toda a genial visão que viria a desenvolver ao longo da vida, nos muitos ensaios e livros que escreveria. Referindo-se precisamente a este aspecto, diz a dado passo: «*A sua experiência de guerra veio a mostrar-se extraordinariamente marcante e foi aí, nas trincheiras, que tomaram forma algumas das suas intuições mais profundas e permanentes. É difícil compreender como foi possível escrever tão profunda e abundantemente dentro das trincheiras, nos poucos períodos de repouso na retaguarda, no meio de uma massa humana fervilhante.*» E, citando Émile Rideau, «*a guerra de 1914 é para Teilhard ocasião de contacto com os homens e também de intensa reflexão pessoal e de iluminação mística. Pela primeira vez, tem a consciência do colectivo, na visão das grandes massas humanas que se cruzam e entrecrocam nos diversos elementos*”, para concluir «*ao ponto de ter afirmado que, para si, a guerra foi um autêntico “baptismo no real”*».

Ainda segundo o citado prefácio, Teilhard diria mais tarde, sobre os seus escritos do tempo da guerra, «*que nada contém que eu não tenha tornado a dizer mais claramente desde então.*»

(1) As cartas de Teilhard a Marguerite estão publicadas sob o título “Génese dum Pensamento”

# RETRATOS de Teilhard de Chardin

## **Guerra de 1914-1918**

*«Sou mais útil nas fileiras; aí posso fazer mais bem. Façam-me o favor de me deixar ficar junto dos homens»*

*Pierre Teilhard de Chardin*

## **29 de Agosto 1915**

*citação na Ordem da Divisão:*

«A seu pedido, deixou o posto de socorros para servir nas trincheiras de primeira linha.

Fez prova da maior abnegação e dum desprezo absoluto do perigo»

## **17 de Setembro 1916**

*citação na Ordem do Exército:*

«Modelo de bravura, de abnegação e de sangue-frio. De 15 a 19 de Agosto de 1916, dirigiu as equipas de maqueiros no terreno esventrado pela artilharia e varrido pela metralha. A 18 de Agosto, foi procurar, a uns vinte metros das linhas inimigas, o corpo dum oficial morto e reconduziu-o às trincheiras.»

## **20 de Junho 1917**

*Medalha Militar.*

«Excelente graduado. Pela sua elevação de carácter, granjeou a confiança e o respeito.

A 20 de Maio de 1917, foi expressamente a uma trincheira, sob um fortíssimo ataque da artilharia, a fim de recolher um ferido.»

## **21 de Maio 1921**

*a pedido do seu antigo regimento, é feito cavaleiro da **Legião de Honra**:*

«Maqueiro de elite que, durante quatro anos em campanha, tomou parte em todas as batalhas, em todos os combates em que o seu regimento esteve envolvido, pedindo para permanecer nas fileiras para poder estar mais perto dos homens, com quem nunca cessou de partilhar as fadigas e os perigos.»



## “Teilhard de Chardin dez anos depois” por Pe. Manuel Antunes, sj, 1965



NO ano de 2005 comemoraram-se em Portugal os 20 anos da morte do grande pedagogo jesuíta Padre Manuel Antunes, (1918-1985), «considerado um dos maiores mestres e o sábio mais múltiplo e original do século XX português», no dizer de José Eduardo Frazão, no prefácio à 3.ª edição do seu livro “Repensar Portugal”, da Multinova. Muitos dos que com ele privaram, sobretudo os seus muitos alunos que tiveram a dita de o poder escutar como iminente professor universitário, sabem que Manuel Antunes foi um estudioso do pensamento de Teilhard de Chardin, com o qual mantinha sintonia em muitos pontos. “Teilhard de Chardin, dez anos depois”, é o título dum artigo que publicou em 1965, no n.º 80 da “Brotéria”, assinalando os 10 anos da morte do seu confrade francês. É esse artigo que a seguir reproduzimos na íntegra, sob esta rubrica do nosso Boletim em que vamos procurando a memória do que, nos anos seguintes à publicação da obra de Teilhard de Chardin, se escreveu sobre ele em Portugal.

Há dez anos – precisamente a 10 de Abril – falecia em Nova York, na tarde de Páscoa, o Pe. Pedro Teilhard de Chardin. Morria no exílio e, praticamente, inédito. Quase na obscuridade. À excepção de certos meios científicos e religiosos, poucos, muito poucos o conheciam.

Hoje, Teilhard de Chardin é uma grande figura do pensamento mundial. Do domínio do reservado, ele passou ao domínio público; de interdito, ele passou a ser aceito, se não pela totalidade ao menos pela maioria; de expressão estranha, a sua linguagem, através de algumas das suas expressões chave – *planetização, socialização, personalização, contração, convergência* etc. –, a sua linguagem tende a converter-se na linguagem duma época. Existe, actualmente, um fenómeno sócio-cultural Teilhard a que nem os sociólogos nem os historiadores das ideias e das mentalidades colectivas podem subtrair-se.

Partamos dos factos. Neste intervalo de dez anos, foram surgindo a público, bem escalonados, sete<sup>1</sup> volumes das “Œuvres de Pierre Teilhard de Chardin”: *Le phénomène humain*, em 1955; *L'apparition de l'homme*, em 1956; *La vision du passé*, em 1957; *Le milieu divin*, em 1957; *L'avenir de l'homme*, em 1959; *L'énergie humaine*, em 1962; *L'activation de l'énergie*, em 1963. neste intervalo de dez anos, outros escritos – maiores ou menores – apareceram a completar a figura do Autor: cartas, hinos, trabalhos científicos. Neste intervalo de dez anos, minuciosas biografias e ponderosas teses universitárias, estudos de pormenor, em abundância e, em maior abundância ainda, ensaios de conjunto têm tentado analisar, em profundidade,

<sup>1</sup> O conjunto da obra não estritamente científica de Teilhard de Chardin viria a completar-se em 13 tomos, editados pela Seuil, Paris, sob o patrocínio da Fundação Teilhard de Chardin, além da edição de diversos outros escritos seus, como diários, correspondência, notas de retiros, etc. (nota de TPH).

ou esboçar, nas suas grandes linhas, a aventura espiritual de um homem por não poucos considerado, desde já, o grande profeta do mundo de amanhã. Neste intervalo de dez anos, duas sociedades internacionais se constituíram – uma com sede em Bruxelas, outra com sede em Paris – com a finalidade de promover o estudo e a difusão do pensamento de P. Teilhard de Chardin. Neste intervalo de dez anos, importantes inéditos – tais como: *La Vie Cosmique, Sens Cosmique, Comment je crois, Comment je vois, Le Coeur de la Matière, Recherche, Travail et Adoration, Le Christique* – policopiados, têm continuado a circular. Neste intervalo de dez anos, muitas traduções têm sido feitas a ponto de não haver nenhum idioma culto em que não exista já ou venha a existir, proximamente, um texto de P. Teilhard de Chardin. Neste intervalo de dez anos, a sua influência tem-se expandido tanto que a perspectiva acerta pelo autor do *Phénomène Humain* já chegou a inspirar constituições de jovens Estados africanos.

Sim. Dir-se-ia que o horizonte aberto diante do mundo actual lhe foi rasgado pelo pensamento de P. Teilhard de Chardin. Muitos, vindos de todos os quadrantes – religiosos, sociais, políticos e ideológicos – nele se têm encontrado. Crentes e ateus, católicos e protestantes, marxistas e liberais, teólogos de renome mundial e cultores das ciências da natureza, cheios de trabalhos e de glória, poetas e operários, filósofos e sociólogos, homens «espirituais» e homens de negócios têm proclamado o muito que lhe ficaram a dever.

Além desta influência expressa, outra existe que poderia designar-se de *difusa*. Teilhard pertence ao número daqueles que, consciencializando o ainda não consciente, conferindo um sentido àquilo que parece sem sentido, dando forma ao vago e ao informe de certas tendências e aspirações, de certas ideias e sentimentos, se convertem logo numa espécie de

presença irradiadora, de foco que ilumina sem se fazer notar, de centro fomentador da temperatura ideal para se poder viver e respirar. A partir deles, o mundo parece ter alcançado novas dimensões. A partir deles, o horizonte da história surge diferente: mais desobstruído e mais lúcido como o horizonte que se divisa da montanha após o deflagrar da tempestade.

Esta dupla influência, expressa e difusa, tem-se feito sentir em sítios tão elevados como a Basílica Conciliar do Vaticano II e a própria Sé de Pedro. O já famoso Esquema XIII, que versa as relações da Igreja e do Mundo, seria talvez impensável, através dos avatares que tem percorrido, rumo à clarificação, sem a visão prévia de Teilhard de Chardin. Certas expressões das três últimas grandes encíclicas papais – *Mater et Magister* e *Pacem in Terris* de João XXIII e *Ecclesiam suam* de Paulo VI – supõem o pensamento daquele que, em 1936, afirmava ser «a função do Homem construir e dirigir o todo da Terra».

Estes os factos. Factos a que vieram dar maior relevo alguns ataques, partidos uns de certo «integrismo» fraccionista que prefere o *ghetto* à cidade dos homens, partidos outros de cultores de diversas disciplinas do saber desde as ciências da natureza à teologia. Factos que vistos de outro plano, motivaram a intervenção do Santo Ofício pelo *Monitum* de 1 de Julho de 1962. intervenção só compreensível, dada a conjugação de dois elementos: a extraordinária difusão do pensamento de Teilhard e o entusiasmo sem limites críticos com que vastas camadas o acolham, por um lado; por outro lado, as imprecisões desse mesmo pensamento que, expresso, não raro ensaisticamente ou no fervor lírico da descoberta, pôde apresentar aos censores romanos «ambiguidades e até erros graves em matéria filosófica e teológica ao ponto de lesar a doutrina católica». Intervenção que, no entanto, se limitou a uma simples «advertência» sem pronunciar as palavras da condenação e sem as formalidades de que esta costuma revestir-se: a aprovação do Papa.

Estes os factos, dizíamos. Mas, quem se esforce por ler o diagrama das ideias e a sua penetração na história tem necessidade de ir mais longe. Tem necessidade de apreender-lhes o sentido e indagar-lhes as causas, quando não de uma explicação da sua dialéctica concreta.

Com este objectivo em mente, poderíamos aventar, desde já, como hipótese de trabalho, o seguinte: a razão da extraordinária influência do pensamento teilhardiano encontra-se na natureza mesma da visão do seu Autor.

Porque de visão, realmente, se trata. A obra de P. Teilhard de Chardin, partindo das ciências, de um certo grupo de ciências – a geologia, a paleontologia, a antropologia – não é, em todo o rigor que o termo hoje possui, no seu sentido último, ciência. Terminando na religião, essa obra não é teologia. Passando pela sociologia, pela política, pela filosofia e

pela apologética, essa obra não é nenhuma dessas disciplinas.

A obra de Teilhard é, como ele próprio reivindicou com insistência, uma *fenomenologia*. Uma fenomenologia original que se apresenta sem fazer caso – ou, pelo menos, sem fazer grande caso – do que por tal vocábulo entenderam Kant, Hegel ou Husserl.

Uma fenomenologia, isto é: uma leitura dos fenómenos, só dos fenómenos, em princípio, mas de *todos* os fenómenos; uma visão, uma grande visão dessas realidades enormes que são o Mundo, o Homem e Deus, das suas relações e conexões; uma visão, uma grande visão, a partir de dois ângulos convergentes: a Ciência e a Fé.

Ora essa grande visão reveste características tais que ela se torna a visão esperada por muitos dos nossos contemporâneos. Por aqueles que, procurando medir com o olhar a linha dos milhares de milhares de milénios, ainda não lhe tinham encontrado o sentido; por aqueles que, porfiando em saltar o muro actual das ideologias, ainda não o tinham alcançado; por aqueles que, aspirando a viver, com igual autenticidade, no domínio da Ciência e no domínio da Fé, no espaço do mundo e no espaço eclesial, ainda, para tanto, não tinham divisado cabal justificação; por aqueles que, preocupados com o futuro do Homem, não se resignam nem às utopias sem consistência nem ao catastrofismo irremediável do fim.

O papel histórico de P. Teilhard de Chardin foi por ele próprio bem visto quando se definiu «un homme qui cherche à exprimer, candidement, ce qui est au cœur de sa génération» (Carta de 25-I-955 CLAUDE CUÉNOT, *Pierre Teilhard de Chardin, les grandes étapes de son évolution*, Paris, 1958, págs. 448).

1. *Visão totalitária* – Uma das razões da sedução do marxismo, entre as duas guerras e nos meados deste século, por parte da juventude e por parte dos intelectuais, esteve na visão global e coerente do Mundo e do Homem, da Natureza e da História traçada por Marx e por Engels. Fundando-se, em boa parte, sobre o estado das ciências no século XIX, essa visão encontra-se hoje ultrapassada. Das suas numerosas profecias, umas não se cumpriram, outras cumpriram-se às avessas. Só poucas saíram certas.

É neste contexto que a nova visão da totalidade, organizada por Teilhard, surge. Partindo dos dados, mais sólidos e mais actuais, adquiridos pelas ciências da natureza e pelas ciências do homem, já neste nosso século, o seu autor constrói um vasto conjunto unitário em que, das Galáxias à Terra, da Terra à Vida, da Vida à Consciência reflexa, da Consciência reflexa à Divindade pessoal, tudo aparece coerente e homogéneo, contínuo e com os saltos necessários. Raras vezes, na história do pensamento mundial, a

palavra «síntese» e a palavra «sistema» terão tido mais justa, mais ampla e mais positiva aplicação.

Ora o homem moderno, como o homem de sempre, tem necessidade de segurança. A vertigem não é, não pode ser, o seu estado normal. Como também o fraccionismo não satisfaz, não pode satisfazer, as exigências ilimitadas do seu espírito.

Por isso, frente à rapsódia das reflexões em que, não raro, caiu a filosofia dos nossos dias, frente à adição amorfa dos acumuladores de «dados científicos», frente ao divórcio, com séculos de história, entre ciência e religião, frente ao divórcio, mais recente mas cada dia mais largo, apesar das reacções, entre ciência e filosofia, frente ao divórcio, cada vez mais pronunciado, entre ciência e ciência – condição do seu progresso específico – a sinopse de Teilhard apareceu como a visão libertadora, como o cabo de salvamento lançado ao abismo tumultuoso da dispersão.

«Rassembleur de la Terre de Dieu» chamou Claudel a Cristóvão Colombo. Noutra plano e com outra intencionalidade, essa designação quadra maravilhosamente a Teilhard de Chardin. Graças a um extenso conhecimento experimental, graças a um admirável dom de ver e de fazer ver, graças a uma audaciosa coragem de extrapolar – essa audaciosa coragem, filha da ingenuidade e da sabedoria, que, por vezes faz lembrar a dos pré-socráticos –; o batedor dos caminhos do mundo, que foi o profeta de *L'hymne de l'univers*, pôde formular, usando o velho método da analogia, essas leis pervasivas da totalidade que são: a lei da evolução, a lei da complexificação-consciência, a lei da personalização, a lei da socialização e a lei da convergência no Ponto Ómega, nesse «Centro dos centros» que se encontra no termo da aventura do Universo porque já se encontrava no seu começo.

O princípio da totalidade, na sua expressão teilhardiana, constitui um dos mais vigorosos esforços do espírito humano no sentido de mostrar a inteligibilidade do real, a sua coerência teológica e a sua unidade radical. Compreendido não metafisicamente e quase *a priori*, nem empiricamente e *a posteriori* mas *fenomenologicamente*, esse princípio leva à construção visionária de uma «Hiperfísica». Por ela, o seu autor fuge tanto ao conceptualismo e ao conclusivismo da sistemática idealista, que têm em Hegel o seu mais acabado representante, como ao conformismo positivista dos puros acumuladores de dados.

Teilhard possui inteira consciência da novidade e do provisório da sua construção. Eis como ele se exprime no *Comment je vois*, em 1948: «En dépit des apparences, la *Weltanschauung* que je propose ne représente aucunement un système fixé ou fermé. Il ne s'agit point ici (ce serait ridicule) d'une solution déductive du monde à la Hegel, d'un cadre définitif de vérité, mais seulement d'un faisceau d'axes de progression, comme il en existe et s'en découvre peu à

peu dans tout système en évolution. Non point épuisement de la Vérité, mais lignes de pénétration par où s'entrouvre devant nos yeux une immensité de Réel encore inexploré».

A Hiperfísica teilhardiana apresenta-se assim, a um tempo, como anterior e posterior à filosofia. Anterior porque, distinguindo embora os grandes planos do Real – Mundo, Vida, Homem, Deus – não cura das distinções nocionais entre física e metafísica, ontologia e gnoseologia, teologia e ciência. É posterior porque, partindo do estágio actual da Evolução, intenta englobar o Ser na sua integralidade e no seu dinamismo, cósmicos e biológicos, naturais e culturais, técnicos e especulativos, científicos e religiosos. Ou, como ele diz numa dessas comparações que, de tão impressionantes, não se esquecem mais: «Comme il arrive aux méridiens à l'approche du pôle, Science, Philosophie et Religion convergent nécessairement au voisinage du Tout» (*Le phénomène humain*, págs. 22).

2. *Visão genético-histórica* – Esta totalidade é atravessada pelo movimento e pelo tempo. É uma totalidade em devir. Teilhard de Chardin se, por um lado, parece reactualizar a visão pré-socrática da *Physis*, do Ser em crescimento orgânico, por outro, situa-se na continuidade dos cientistas que, de há um século para cá, em virtude dos dados cada vez mais numerosos e cada vez mais exactos da geologia, da paleontologia e da anatomia comparada, têm sido levados a considerar a evolução não como uma teoria mas como um facto. Finalmente, Teilhard recolhe toda uma ambiência mental em que a dimensão histórica aparece como constitutiva da própria realidade.

Sim. Essa dimensão histórica, oculta às diversas formas de pitagorismo, de eleatismo, de platonismo e de idealismo gnoseologista, é hoje, em parte, graças à mensagem cristã, o elemento base, o *a priori* constitutivo, a categoria fundamental que tende a invadir todas as ciências mesmo as mais abstractas. Por isso, Teilhard pôde escrever em *L'avenir de l'homme*: «... nulle chose n'est compréhensible que par son histoire» (pág. 25). Em outro lugar: «Notre Science du Réel expérimental (qu'il s'agisse d'organismes vivants, d'idées, d'institutions, de religions, de langues, ou d'éléments constitutifs de la matière) tend invinciblement à adopter, dans ses enquêtes et ses constructions, la méthode historique, c'est-à-dire le point de vue de l'évolution, du devenir. L'histoire envahit peu à peu toutes les disciplines... Nous sommes en train de découvrir le temps». E, no seu último escrito de importância, *Le Christique*, que data de 1955: «le monde se présente à nous, non pas simplement comme un système en mouvement (*nous trouvons cela également dans la machine*), mais comme un système de devenir et de développement, ce qui est tout autre chose».

É a partir destes três elementos, nele mais ou menos consciencializados – fisicismo pré-socrático, evolucionismo moderno e historicismo contemporâneo – que Teilhard constrói a sua visão genético-histórica de real: desde a Cosmogénese à Cristogénese, passando pela Biogénese e pela Noogénese.

3. *Visão de convergência e de reconciliação* – Quando o pensamento de Teilhard começa a difundir-se no grande público, o mundo tem ainda, vivíssima, a memória da maior conflagração histórica por ele sofrida. Ao tempo, o clima é o da guerra fria, em pleno. O globo, cindido em dois blocos antagonistas, encontra-se dividido da sua única e verdadeira finalidade que é, a partir do Homem e comandada pelo Homem, «construire la Terre». Dessa luta contra o estado de facto das coisas novos Estados emergem, acusando pelo seu atraso em relação aos mais adiantados e pela sua pobreza em relação aos mais ricos, o absurdo duma conjuntura histórica que nega ou, ao menos, parece negar, as virtualidades inscritas na teologia da Evolução. Das três ideologias que, vinte anos antes, pretendiam erguer-se ao comando do futuro e cuja essência Teilhard então analisara, com tanta perspicácia, – a democracia, o comunismo e o fascismo – dessas três ideologias, vencida estrondosamente a última na ordem dos factos, só restavam a democracia e o comunismo travando entre si um duelo que visava à destruição da sua contrária, por todos os meios, à excepção da luta armada em escala planetária.

É neste contexto que a visão teilhardiana surge como uma grande mensagem de esperança e amor. Uma dessas grandes mensagens de esperança e amor quais à Humanidade raras vezes é dado contemplar. O que a distingue de certas outras mensagens congêneres é o seu maior poder de realismo e o seu maior poder de sonho. Os extremos tocam-se.

«Tout ce qui monte converge», eis a grande fórmula de Teilhard. Tão importante que julgou necessário dar-lhe forma plástica. De facto, o sentido da «convergência», que ele lê na história geral do Universo, não deixa de o preconizar, com instante vigor, nos planos relacionais que, mais directamente, dependem da responsabilidade humana ou com ela tangem: a ciência e a fé, a acção e a contemplação, a personalização e a socialização, a adoração e a técnica.

Ao contrário de Heraclito, de Hegel e de Marx, Teilhard não pensa que o combate seja «o pai de todas as coisas» nem que «a luta solde a mais bela harmonia». Sente-se, por vezes, nos seus escritos, a desolação pela invasão do múltiplo e do dispersivo, a tristeza pela inútil perda de energia na guerra de todos contra todos. A unidade foi a paixão deste homem. Na sua vida e na sua visão. A síntese por ele construída, visando a apreensão do real, ergue-se lançadamente como as nervuras convergentes de uma abóbada

gótica. Como esta suspensiva e, também como esta, atractiva.

Acima dos compartimentos que dividem, mais além de todos os horizontes que limitam, Teilhard lança o grande apelo, vasto como a Terra e necessário como todo o elemento primordial: «De l'air! Il faut s'unir. Non pas des fronts politiques, mais un front général d'avancée humaine» (*Sauvons l'Humanité* [1936] in «Cahiers Pierre Teilhard de Chardin», I, pág. 10). E, aplicando o princípio às três grandes correntes ideológicas do tempo, o sociólogo e o cristão que nele vivem não condenam com exclusivismo nem com exclusivismo exaltam. À democracia, ao comunismo e ao fascismo ele pede o seu melhor para, com os seus elementos, construir um todo dinamicamente diferente em que a Humanidade se encontre, em referência, como dirá mais tarde *Le Phénomène Humain* (pág. 302), a um «Premier Moteur en avant»: «et le sens démocratique des droits de la personne et la vision communiste des puissances de la matière et l'idéal fasciste des élites organisées» (*Sauvons l'Hum.*, pág. 9).

4. *Visão optimista e prospectiva* – Sociologicamente, um dos segredos do êxito de Teilhard está no facto de as suas obras virem depois. Depois dos hinos à «decadência do Ocidente», depois do «absurdismo» existencialista, depois da anquilose do marxismo no dogmatismo estalinista.

Em tal situação, propor um sentido positivo à aventura humana sobre a Terra, apresentar tarefas concretas de progresso científico, técnico, espiritual e moral, abrir, diante de um mundo enfim unificado pela base mas profundamente dividido no plano, perspectivas de um futuro exaltante, eis o que parecia de molde a criar, em torno da «fenomenologia» de Teilhard de Chardin, uma atmosfera favorável. Criou-a de facto a um nível tal que excedeu as melhores previsões.

Não sem motivo. O pensamento do Autor do *Phénomène Humain* começou por sondar as profundezas da matéria e o insondável do passado. Porém, durante os últimos vinte anos da vida, só o futuro, praticamente, o interessa. Mas, já em 1930, ele diz em carta a Max Begouën: «C'est un peu comme si les choses individuelles et présentes m'étaient devenues (par une sorte d'inversion dans les plans et les valeurs) moins réelles que les ensembles futurs vers lesquels nous allons» (in «Cahiers», II, pág. 26). E os primeiros sintomas dessa preocupação remontam bastante atrás, aos seus primeiros ensaios de 1916: «Le véritable appel du Cosmos, c'est une invitation à venir participer consciemment au grand travail qui se mène en lui: ce n'est point en redescendant le courant des choses que nous nous unissons à leur âme unique, mais en luttant, avec elles, pour quelque Terme à venir» (*La Vie cosmique*).

Por outras palavras. O futuro do Homem, pólo constante do esforço de Teilhard, tornou-se, na plenitude do seu pensamento, o seu centro de gravidade. O passado deixara de ser visto senão como matriz do porvir ou sua base de lançamento. Quando, em 1936, ele se refere, em *Sauvons l'Humanité*, às suas três «paixões» – trata-se, de facto, de uma «paixão» única, a do futuro, em três faces diferentes.

Pensamento exemplarmente *prospectivo*, portanto. Gaston Berger – formalmente o criador da «Prospectiva» como disciplina autónoma – proclama que «penser à la suite d'un philosophe ou d'un maître de vie spirituelle, c'est lui rendre le seul hommage véritable» (cf. «Prospective», 7, pág. 131). Essa homenagem não deixou o admirável animador, que foi Gaston Berger, de a render ao genial vidente de *L'avenir de l'homme*, àquele que, na sua expressão, «era habitado pela ideia do futuro».

Teilhard, convencido de que a verdade a todos pertence, sem ser propriedade exclusiva de ninguém, afirmara uma dia, num belo gesto de humildade, que o seu pensamento se destinava a ser ultrapassado. O fundador de «Prospective», com igual sentido humanístico da medida, outra coisa não fez, nesse sector, senão tentar prolongar, metodizar, concretizar as intuições teilhardianas.

Nem um nem outro são já do mundo dos vivos. Porém a obra comum prossegue constituindo hoje um «Phylum» espiritual fecundo. Outros virão continuar o mesmo pensamento inicial cheio de promessas. Realizado, Teilhard será compreendido.

\*

Visão do poeta, sem conteúdo real, dizem alguns. Visão do místico perdido no insondável do passado ou nos sonhos do futuro que muito se deseja porque muito se ama, dizem outros. Visão de naturalista onde a mensagem do Evangelho ou se inverte ou se esbate e onde a contingência e a liberdade não passam de palavras vãs, dizem terceiros. E todos têm razão. Simplesmente, essa razão não é a razão, não indo assim muito além de uma certa aparência de razão.

Julgar Teilhard de Chardin não constitui tarefa azada. Mesmo depois de conhecidos os inéditos. Nem sequer compreendê-lo, apesar da nitidez da sua visão e apesar da simplicidade da sua construção: sem logomaquias, sem alçapões, sem modos cabalísticos.

A dificuldade parece residir, principalmente, na possibilidade de conciliar reflexão e inspiração, rigor científico – em todos os domínios, desde o geológico ao teológico – e poesia, verdade e beleza, justificação e intuição. No vasto *Corpus Teilhardianum*, facilmente se podem alinhar séries de textos, paralelos, em que as expressões não se contradizendo, de pólo a pólo, deixam a desejar na sua clara e correcta adequação.

Nestas condições, o leitor de boa fé terá de procurar o autêntico pensamento de Teilhard mais naquilo que ele *visou* do que naquilo que ele logrou exprimir, mais na sua *intencionalidade* do que na sua *representatividade*.

O Autor de *Phénomène humain* foi um génio e foi um percursor. Um génio de um fim e, sobretudo, de um começo. Um percursor, a partir de um grupo de ciências, do difícil pensamento interdisciplinar, da aliança, interna e concreta, entre mundos de verdade distantes e, à primeira vista, opostos. Um percursor que, tendo a consciência de o ser, troca audaciosamente a navegação costeira pela navegação de alto mar através de zonas desconhecidas ou pouco conhecidas.

Nessa navegação é possível e é natural que os roteiros acusem desvios, imprecisões, hiatos. Porém, no final, novos continentes foram avistados com a possibilidade de virem a ser descobertos e explorados.

« A Europa é o continente da universalidade pela sua ciência, a sua técnica, a sua cultura. A Europa é o único continente que, tendo tido tantas experiências de divisão conflitual, quase mortais, poderá, graças à sua unificação a todos ou a quase todos os níveis, constituir para os outros continentes divididos experiência válida de como se pode chegar à unidade. A Europa é o único continente verdadeiramente moderno – apesar da sua designação de “velho” – que é possuidor de experiências fecundas as quais poderão ligar o remoto do passado ao remoto do futuro, sem cataclismos, sem traumatismos de dominação, sem ambições de restauração de um estado de coisas ainda não muito longínquo. A este respeito, a sua ausência de voz decisiva nos negócios do mundo, ao longo dos últimos decénios, terá servido de cura pelo silêncio.» (Manuel Antunes, 1979, in “Repensar Portugal”, pág. 60)

«Não é indiferente ver no homem um mero produtor-consumidor ou ver no homem um ser activo criador de valores culturais e morais. Não é indiferente que o homem seja tido como puro e simples dado manipulável ou como ser relativamente autónomo, embora condicionado, que por si pensa, por si decide, por si determina e se determina. Não é indiferente que o homem seja declarado uma realidade da imanência exclusivamente mundana, embora específica, ou como realidade com destino trans-histórico que, no tempo e com o tempo, joga o sentido desse mesmo destino.» (Ib., pág. 107)

### « ET SI TEILHARD DISAIT VRAI ... »

(«E se for verdade o que disse Teilhard ... »)



Este é o título dum pequeno livro que o Padre Gustave Martelet s.j. publicou, em Maio de 2006, na editora Parole et Silence. O Padre Martelet é um teólogo que tem numerosos estudos sobre o pensamento e a mística de Teilhard de Chardin, o último dos quais, intitulado “Teilhard de Chardin, prophète d’un Christ toujours plus grand”, foi publicado em 2005 (ver prefácio publicado no Boletim nº 1). É professor de teologia e foi o primeiro docente da cadeira Teilhard de Chardin no Centre Sèvres, Paris, inaugurada naquele mesmo ano.

Desta obra (“Et si Teilhard disait vrai...”) transcrevemos (em tradução de TPH) o primeiro capítulo, antecedido do prefácio e da introdução.

### PREFÁCIO

Este pequeno livro foi pensado como uma flecha, em função duma aljava. A aljava foi « Teilhard de Chardin, prophète d’un Christ toujours plus grand”<sup>1</sup>, obra que publiquei em 2005, por ocasião do cinquentenário da do Padre Teilhard de Chardin. A importância dum tal livro decorre do lugar que este homem, jesuíta e cientista, na sua visão do mundo, do homem e da fé, soube dar a Cristo, à luz da Revelação.

A fim de não restringir essa mensagem somente aos leitores desse livro, pensei ser oportuno apresentar aqui uma versão abreviada do mesmo. Chamo-lhe uma flecha, esperando que ele vá direito ao coração das intuições mais essenciais de Teilhard, infelizmente demasiado desconhecidas quando não arbitrariamente rejeitadas.

O título deste pequeno livro «E se for verdade o que disse Teilhard ... » exprime amplamente a minha convicção de que, ao desdenhar-se esta mensagem sem ponderar o seu verdadeiro alcance, comete-se, para consigo si mesmo, para com os outros e, sem dúvida, para com a Igreja, um erro espiritual que urge remediar. As páginas que se seguem esperam contribuir para isso. Aos leitores de o julgarem ...

---

<sup>1</sup> Éditions Lessius, Bruxelles 2005, 280 pgs

### INTRODUÇÃO

«E se for verdade o que disse Teilhard...».

Este título pretende significar que o pensamento de Teilhard, através dos seus grandes escritos, vale a pena não só ser considerado, mas também aprofundado, possivelmente aqui e ali completado ou criticado, mas jamais esquecido e, menos ainda, traído. Com efeito, merece ser compreendido e mesmo defendido por fidelidade à sua inspiração, tão totalmente quanto possível, como foi minha intenção com « Teilhard de Chardin, prophète d’un Christ toujours plus grand”.

Digamos de imediato, antes de qualquer outra consideração, que Teilhard não é, de maneira nenhuma, «profeta»<sup>2</sup> dum outro Cristo que não O da Revelação, de que a Igreja é testemunho. «Por “Super-Cristo”, não quero de forma nenhuma significar um outro Cristo, um segundo Cristo diferente do primeiro ou maior que ele; quero afirmar o mesmo Cristo, o Cristo de sempre, revelando-se-nos sob uma figura e dimensões, com uma urgência e uma superfície de contacto ampliadas e renovadas».<sup>3</sup> Teilhard, efectivamente,

---

<sup>2</sup> René d’Ouin s.j. «Un prophète en procès: Teilhard de Chardin dans l’Église de son temps» (Aubier-Montaigne, 1970)

<sup>3</sup> «Super-Humanité, Super-Christ, Super-Charité» (1943) IX, p.208 (sublinhados de Teilhard). Salvo indicação em contrário, as citações desta pequena obra são extraídas das «Œuvres de Pierre Teilhard de Chardin» editadas por Le Seuil (volumes numerados de I a XIII).



compreendeu que o nosso tempo não tem que relativizar Cristo nem, segundo a sua própria expressão, “minguá-lo”. Quanto ao cristão, ele deverá, pelo contrário, aprofundar, sobrescavar, “imensificar” o homem e a criação para reconhecer que é necessário imensificar a visão que tem de Cristo e confessar assim a sua incomparável grandeza.

Em Teilhard, um encargo desta monta implica uma visão inteiramente renovada da natureza, em razão da evolução que ele coloca como novo ponto de vista sobre a criação, sem nunca o isolar das afirmações de S. Paulo acerca da relação do Ressuscitado com essa criação.

Daí, os oito pontos de vista sob os quais é conveniente apreender o entendimento que Teilhard faz da fé:

1. a Criação como evolução
2. a natureza e a morte
3. «A União Criadora»
4. a origem do homem, o lugar do pecado, Adão e Eva, o Paraíso terrestre
5. o «Cristo universal»
6. algumas referências para uma existência cristã
7. a «Noosfera», o «Ultra-Humano» e «Ómega»
8. «uma Nova face de Deus».

## I A CRIAÇÃO COMO EVOLUÇÃO

É uma primeira evidência que se impôs a Teilhard, no seu desejo mais que legítimo de reflectir sobre a criação em função dos dados científicos do seu tempo: «*A nossa Ciência do Real experimental, hoje [...] tende invencivelmente a adoptar, nas suas pesquisas e nas suas construções, o método histórico, ou seja, o ponto de vista da evolução, do devir. A História invade pouco a pouco as disciplinas [...] a tal ponto que tende a constituir-se [...] uma espécie de ciência única do Real, que poderíamos chamar 'a História natural do Mundo'*». Assim falava Teilhard em 1926.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> «Les fondements et le Fond de l’Idée d’Évolution» (1926), III, p.179-180

Vinte e quatro anos mais tarde, escreve ainda: «*Aparecida localmente, na esteira da Zoologia, a Evolução, ganhando aos poucos aos domínios vizinhos, acabou por invadir tudo [...] Acabemos, pois, de vez, com a concepção ingénua, hoje inteiramente ultrapassada, da “hipótese da Evolução”.* Não, tomada com largueza, a Evolução deixou de ser, e desde há muito tempo, uma hipótese, – nem mesmo um simples “método”: o que ela representa, de facto, é uma dimensão nova e geral do Universo, afectando, por conseguinte, a totalidade dos elementos e das relações do Universo. Portanto, não uma hipótese, mas uma condição à qual daqui em diante devem satisfazer todas as hipóteses».<sup>5</sup>

Sem alguma vez pôr em questão, nesta história evolutiva do mundo, o papel do Criador, e, portanto, da “Causa primeira” como origem permanente de tudo, Teilhard não pode esquecer que “ela intercala-se no meio dos elementos deste Mundo [...], duma tal maneira que, poderia dizer-se, Deus não “faz”, antes “faz com que se façam” as coisas».<sup>6</sup> Desde logo, o jogo da natureza é inteiramente respeitado e permite dar, ao nível dos fenómenos, «uma explicação para a ligação dos seres entre si», para responder à «grande questão do ‘liame universal’ das coisas»<sup>7</sup> É a esta questão que, em Teilhard, responde o paradigma da Evolução, pressuposto necessário a uma leitura do Mundo cientificamente fundado e racionalmente apresentado.

Que acontece, então, à descrição bíblica da criação, dado o carácter inevitável da evolução? Não terá a Bíblia perdido significado? Evidentemente que não! É verdade que a narrativa de Génesis 1 ignora completamente o facto da evolução, tal como o conhecemos nos nossos dias. Na narrativa bíblica, com efeito, a natureza parece vir à luz segundo a modalidade do *já pronto*, sob a acção instantaneamente criadora de Deus. É esta visão, transformada em sistema, que define o criacionismo, para o qual a criação por Deus implica que a natureza não possa efectivamente ser senão algo de *já pronto* e não *fazendo-se*, a fim de melhor honrar, digamos, o poder criador de

<sup>5</sup> «Comment se pose aujourd’hui la Question du Transformisme» (1921), III, p. 39

<sup>6</sup> «Note sur l’Essence du Transformisme» (1920) XIII, p. 130

<sup>7</sup> «L’Âme du Monde» (1918), XII, p. 259

Deus. Ora, bem pelo contrário, na leitura da criação que a realidade da evolução nos impõe hoje em dia, a natureza dispõe por si dum poder empiricamente analisável de autodeterminação e isso nas modalidades físicas da sua aparição como no seu desenvolvimento.

Uma tal visão evolutiva, da qual Teilhard se tornou cristãmente o campeão, está longe de contradizer o acto criador de Deus. Permite, pelo contrário, compreender melhor a sua singularidade. Além disso, é preciso, na linha dos propósitos de Teilhard acima citados, perceber que podemos e devemos mesmo distinguir um duplo registo de expressão na narrativa bíblica da Criação, uma vez que ela é de natureza propriamente religiosa. O primeiro registo é o das afirmações reveladas, cuja autoridade é a da própria palavra de Deus. Mas esta palavra divina atinge-nos através dum segundo registo, que revela elementos relativos a uma visão ainda neolítica do mundo. Isto quer dizer que a Bíblia, por um lado, afirma e revela o *facto* da criação, resultando da palavra perfeitamente eficaz de Deus. Por outro lado, exprime não somente o *facto*, mas também o *como* dessa criação, que responde, na sua formulação, a uma visão simbólica do *mundo*. Aliás, o todo inscreve-se na estrutura duma semana quase litúrgica, cujo sétimo dia é o do sabbat. Se, pois, a representação que se tem do mundo pode ser modificada, a *afirmação* de que é Deus que o cria deve manter-se inalterada, ainda que vista à luz da nova maneira científica de descrever o mundo.

Enquanto aderindo ao *facto* da criação do mundo pela palavra de Deus, Teilhard pôde ver na evolução a única forma pensável como a ciência permite compreender o *como* dessa criação. Assim, também nós podemos apropriar-nos legitimamente duma tal visão e mesmo aprofundá-la. Sairemos, deste modo, duma leitura puramente literal da narrativa inspirada, sem em nada comprometer a doutrina bíblica da criação. Com efeito, o Génesis afirma de Deus *que* Ele criou, e não *como* Ele criou, a não ser que foi pela «palavra». Desde logo, auscultando nós mesmos «o *Universo (a face experimental natural*

*de Deus...)*»<sup>8</sup> à luz actual da ciência, podemos dizer, sem nos enganarmos, que a criação não é algo de *já pronto*, mas antes algo que *se vai fazendo* pelo caminho duma evolução natural. É o que Teilhard exprime quando diz: Deus «*faz*» menos as coisas do que «*faz com que elas se façam*», e pode-se mesmo acrescentar, sem o trair, *deixa que elas se façam* à medida das probabilidades, se não mesmo do acaso.

O Cardeal Baronius escrevia, no século XVI: «A intenção do Espírito Santo é de nos ensinar como vamos para o céu, não como vai o céu». Com isto, ele marcava a distinção, que se podia fazer no seu tempo, entre o ponto de vista *cultural* e o ponto de vista propriamente *religioso* da narrativa. Hoje, olhando a natureza como Teilhard se empenhou em fazer, podemos dizer algo acerca do *como* empírico da criação. Outrora a Bíblia falava do oleiro para referir esse “como”. Nos nossos dias, podemos dizer que a acção criadora de Deus, estritamente irrepresentável, não compromete em nada o livre curso da evolução, sem que esta lhe seja jamais estranha, mesmo na sua contingência. Não seria para evocar este carácter irrepresentável da criação que Dante falou dela como de «a arte de Deus»?

Quanto à hipótese de um *intelligent design*, ele faz apelo a uma «super-inteligência» perante certos enigmas da natureza para evitar uma interpretação puramente científica ou materialista do mundo. Face à amplitude das questões colocadas hoje em dia pela evolução, às quais esta hipótese pretende responder, não se pode negar o bom fundamento destas questões, tendo em vista a resposta que ela pretende fornecer. Ela revela-se pesadamente tributária duma forma de deísmo, ou seja, duma visão que não atribui a Deus senão um papel utilitário, ultrapassando assim, sem razão, as explicações empíricas que a ciência suficientemente nos dá.

De qualquer modo, a reflexão cristã não se pode contentar com uma hipótese que reduz Deus à categoria dum «programador»<sup>9</sup>, ainda

<sup>8</sup> *Écrits du temps de la Guerre*, Grasset, p. 231.

<sup>9</sup> François Euvé s.j. «A heresia de Deus programador» (in «La Bible contre Darwin», p. 48-51, Le Nouvel Observateur, número extra, Dezembro 2005 – Janeiro 2006). É também do Padre Euvé a expressão de «Designer cosmique» para denunciar o erro da hipótese em questão.

que genial, que não é, na realidade, mais do que um substituto bastardo do verdadeiro Criador. De facto, o Deus que fica a faltar nesta hipótese do *intelligent design* não pode ser, aos nossos olhos, aqui, senão Aquele que torna possível a abertura infinita da consciência de si ao mistério pessoal de Deus. É nesta perspectiva que ganha sentido a génese fantástica do cosmos e, nele, do planeta onde nasceu o caule dos Primatas, o qual condiciona a aparição do homem. Este Deus Criador, se ele verdadeiramente existe, só é pensável com o acolher a imensidade duma tal evolução. Mais, ele deve poder afirmar-se inabalavelmente, mesmo e sobretudo, perante as negações implacáveis do homem face ao seu próprio significado transcendente. No seio do universo em plena evolução, não é, por excelência, qualquer ser humano um reivindicador infatigável dos significados absolutos de que a sua mortal contingência não poderia prescindir? É por esta razão, e contra qualquer aparência científica contrária, que Deus, no seu mistério, é o único Respondente possível às mais cruéis questões que afligem os humanos, naquilo que toca a sua identidade na sua relação com Deus. Nisso, o Deus que alguns declaram inexistente não é apanhado desprevenido. «Desde antes da fundação do mundo», atesta a Escritura (Ep 1,4), todo o ser humano, mesmo antes de existir, é visto como beneficiário dum amor eterno e incondicionado.

Que semelhança de fundo poderia, pois, existir entre este Deus da Criação e um «Designer cosmique» que, por natureza e essência, devesse permanecer estranho ao questionamento último com que se confrontam os humanos sobre o significado do seu ser e da sua existência? O Deus de que Teilhard nos disse que «faz fazer-se», ou que permite mesmo que se façam as coisas, é bem o Deus da Bíblia, jamais insensível em profundidade à aspiração humana dos significados absolutos. O homem, com efeito, não é para Deus o resultado efémero das leis e recursos inconscientes do mundo, ainda que delas Ele nunca tenha querido prescindir para que, pela via da evolução, os céus, o mundo e

mesmo o homem *fossem*. Mas, para Deus, este homem, apesar de toda a aparência em contrário, do seio das condições que a natureza lhe confere, é, desde sempre, e para sempre permanecerá, portador de uma interrogação sobre o Deus criador ao qual deve a sua existência.

Teilhard, ao dizer «sim» ao paradigma científico da evolução, convida-nos a dizer também «sim» à presença efectiva, nesta evolução, do Deus do Génesis que ele nos apresenta [...] sob os traços de Ómega. De resto, não será assim que poderemos trilhar a via libertadora e sábia conselheira do papa João Paulo II, quando ele reconhecia, em 1996, perante a Academia pontifical das ciências, que a evolução é um dado cientificamente fundado, lembrando claramente que o homem, segundo o Vaticano II, é «a única criatura sobre a terra que Deus quis por ela mesma»?

Contudo, ao afirmar, em nome da evolução, o carácter natural da morte física, Teilhard não estaria em contradição com a Bíblia, que parece afirmar o contrário? Daí que aqui novas considerações se imponham, para que fiquemos seguros de que, também neste domínio, Teilhard continuava a falar verdade. [Segue-se a este o capítulo II, intitulado “*La nature et la mort*”].

### Escuto

Escuto mas não sei  
Se o que oiço é silêncio  
Ou Deus

Escuto sem saber se estou ouvindo  
O ressoar das planícies do vazio  
Ou a consciência atenta  
Que nos confins do universo  
Me decifra e fita

Apenas sei que caminho como quem  
É olhado amado e conhecido  
E por isso em cada gesto ponho  
Solenidade e risco

*Sophia de Mello Breyner Andresen*

## ORANDO com Teilhard de Chardin

« É POIS BEM VERDADE, SENHOR ? ...

Difundindo a Ciência e a Liberdade, posso densificar, n' Ela própria tão bem como para mim, a atmosfera divina onde continua sempre a ser o meu único desejo mergulhar! Apropriando-me da Terra, é a Vós que posso aderir!... Alegria, alegria, alegria do espírito, e dilatação do coração!... Ei-lo pois justificado e transfigurado, esse *gosto pela presa* que, desde a minha infância, me lançava continuamente sobre os objectos, nunca os mesmos, através dos quais nunca atingia aquilo que buscava!...

- Que a Matéria, esquadrinhada e manipulada, nos confie os segredos da sua textura, dos seus movimentos e do seu passado!

- Que as Energias dominadas se verguem diante de nós e obedeçam ao nosso poder!

- Que os Homens, tornados demasiado conscientes e mais fortes, se reúnam em organizações ricas e felizes, em que a vida, mais bem utilizada, renda cem por um!

- Que o Universo forneça à nossa contemplação os símbolos e as formas de toda a Harmonia e de toda a Beleza!

... Devo procurar, e devo encontrar!

Não se trata, nem da minha concordância, nem do meu bem-estar, nem mesmo apenas da minha vida.

Trata-se da sobrevivência e do desenvolvimento do Espírito universal – desse Espírito que não está completo, nem *ainda seguro de triunfar* totalmente, mas que *se mantém* pelo seu desenvolvimento no sentido de uma espiritualidade cada vez maior, do Espírito que faz viver a *circulação das necessidades e da dúvida*.

Trata-se, Senhor, do Elemento que desejais habitar cá em baixo ...

Trata-se da vossa existência entre nós! »

( Pierre Teilhard de Chardin, *Écrits du temps de la guerre, Le Milieu mystique*, 1917,  
trad. de Luísa Ducla Soares, ed. Portugália Editora, 1969)

### LA PENSÉE de Teilhard

«Pour le croyant, qui a compris – sans atténuation et sans glose – la parole de saint Jean e de saint Paul, le Christ se manifeste au cœur de *tout* être qui progresse, semblable à un Centre à la fois tout proche et très lointain, tout proche parce qu'il est et veut être à la source de toute affection, très lointain, parce qu'il ne peut se joindre qu'au terme d'un long perfectionnement.

En vertu même de l'existence, en eux, d'un Centre commun, tous les êtres (dispersés et séparables en apparence) se touchent en profondeur. Plus ils se perfectionnent naturellement et se sanctifient dans la grâce, plus ils se rapprochent et fusionnent entre eux, au sein du Foyer unique et unifiant de leurs aspirations, – lequel peut indifféremment s'appeler le *point* où elles convergent, ou le *milieu* dans lequel elles baignent.

Par tous ces prolongements attractifs et unifiants qui sont l'*axe* de toute vie individuelle et collective, le Christ se trouve avoir, nom seulement un Corps mystique, mais un *Corps cosmique* (dont saint Paul surtout, s'il n'emploie pas ce terme, nous décrit les principaux attributs).»

(Pierre Teilhard de Chardin, *Écrits du temps de la guerre, L'Union créatrice*,  
10 novembre 1917)

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos